

FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE HISTÓRIA EM MINAS GERAIS: AS EXPERIÊNCIAS DA PUC-MG, UFMG E UFU

MESQUITA, Ilka Miglio (FASF-LUZ-MG)

FONSECA, Selva Guimarães (UFU-UBERLÂNDIA-MG)

Ao longo da nossa própria história de formação profissional, interrogamos sobre o compromisso dos cursos Licenciatura com a formação de professores de História e as relações existentes entre a formação inicial e a construção das práticas pedagógicas. Nesse sentido, desenvolvemos uma pesquisa no Programa de Mestrado em Educação da Universidade Federal de Uberlândia no período de 1998-2000. A dissertação tem como objeto de estudo o processo de formação do professor de História em Universidades mineiras, nos anos 80 e 90 e as relações entre a formação inicial e as práticas pedagógicas desenvolvidas no ensino fundamental e médio nas escolas públicas do Estado de Minas Gerais.

Nos cursos de Licenciatura em História das Universidades investigadas: PUC-MG, UFMG e UFU, procuramos indícios das práticas pedagógicas nas duas décadas em análise. Buscamos investigar, nos projetos curriculares, nos planos de curso da Prática de Ensino e Estágio e, principalmente, nas representações orais dos professores-formadores, como também dos professores da Rede Pública, as relações entre a formação inicial recebida e práticas pedagógicas desenvolvidas na sala de aula. Neste sentido, tentamos reconstruir o sentido de suas práticas no cotidiano das escolas de ensino fundamental, médio e também no ensino superior.

Ao registrar e repensar essas práticas, buscamos a construção de novos conhecimentos sobre o processo de formação e da prática docente, bem como sobre as diversas mudanças ocorridas no processo de formação e na atuação do professor de História em Minas Gerais.

Utilizamos a História Oral como metodologia de pesquisa, como um caminho a seguir, a trilhar... A partir do tema, dos problemas e do objetivo central, a pesquisa foi realizada por meio de entrevistas temáticas realizadas com os professores-formadores das três instituições e professores das escolas públicas formados em cada uma das Universidades, complementadas por documentos escritos, como as propostas curriculares, as diretrizes dos Cursos de História das instituições formadoras.

Por que a opção pela História Oral? A História Oral representa uma possibilidade de construção de uma abordagem não convencional de pesquisa. Significa ampliar ou vislumbrar caminhos pouco explorados, que exigem um investimento pessoal do pesquisador e dos sujeitos pesquisados.

Como construímos? Buscamos alternativas que possibilitem erguer o olhar sobre o desafio, o ousar fazer. Trabalhar com História Oral é fazer vir à tona o que ainda não havia sido registrado ou que foi, muitas vezes, expurgado dos depósitos de memória: arquivos, armários, estantes... A pesquisa em educação requer uma busca criteriosa de evidências, para não cairmos nas armadilhas das fontes oficiais e apenas reproduzir o que desejaram nos passar. O pesquisador não pode se contentar em apenas preencher as lacunas deixadas pelos manipuladores da memória. Nesta perspectiva, se são muitas questões a serem investigadas sobre as práticas pedagógicas e formadoras, torna-se essencial a busca e o uso da evidência oral. Pois como indica Thompson:

(...) a evidência oral pode conseguir algo mais penetrante e mais fundamental para a história. (...) A evidência oral, transformando os 'objetos' de estudo em 'sujeitos', contribui para uma história que não só é mais rica, mais viva e mais comovente, mas também mais verdadeira (1992, p. 137).

Assim, na investigação preocupamos com recuperar memórias, reacender utopias, caminhos ainda não experimentados, fracassos, silêncios, formas de resistências... Por isso a necessidade de ouvir os sujeitos envolvidos no processo educacional, captar suas experiências e perceber melhor as problemáticas, estabelecer a interlocução de fontes e abrir um campo de possibilidades.

Nossa proposta foi buscar compreender, muito mais do que explicar. Para tanto construímos narrativas a partir dos registros orais das vozes dos professores. Buscamos inspiração na arte da narração de W. Benjamin:

São cada vez mais raras as pessoas que sabem narrar devidamente. Quando se pede num grupo que alguém narre alguma coisa, o embaraço se generaliza. É como se estivéssemos privados de uma faculdade que nos parecia segura e inalienável: a faculdade de intercambiar experiências. (1985, p. 197-8).

Pode-se continuar reafirmando as palavras de Benjamin: o avanço do progresso técnico faz desaparecer a cada dia a arte de narrar. A História Oral, enquanto método de investigação, possibilita a recuperação da narração, possibilita o ato de rememorar, de

promover o encontro entre os sujeitos para compartilhar experiências e divulgá-las em forma oral e escrita.

(...) as narrativas orais não são apenas fontes de informações para o esclarecimento de problemas do passado, ou um recurso para preencher lacunas da documentação escrita. Aqui, ganham relevância as vivências e as representações individuais. As experiências dos homens, constitutivas de suas trajetórias, são rememoradas, reconstruídas e registradas a partir do encontro de dois sujeitos: narrador e pesquisador. A história oral (...) constitui uma possibilidade de transmissão da experiência via narrativas (FONSECA, 1997, 39).

A dissertação foi construída num processo de trocas, de diálogo, a partir das categorias: da representação e da transgressão.

A categoria da representação inspirada em E. P. Thompson e Chartier, tem como pressuposto a idéia de que o conhecimento histórico é parte do real, portanto, seletivo, provisório, incompleto e limitado, mas nem por isso deixa de ser verdadeiro. Logo, se as evidências encontradas são confrontadas com os problemas levantados e com outras evidências revelam a significação real do produto, a produção do conhecimento. O objetivo do historiador, afirma Thompson, “é o conhecimento histórico” (1981, p. 58).

Assim, as representações produzidas fazem parte de práticas sociais, escolares e políticas, onde expressam valores e escolhas (Chartier, 1990, p. 17).

A categoria da transgressão foi utilizada na pesquisa inspirada na definição de Fernando Hernández: transgressão como intenção de mudança. A proposta transgressora se resume, como propõe o autor, em transgredir a educação tecnicista, transgredir o currículo escolar, transgredir a visão de Escola que impede que os alunos se construam como sujeitos, transgredir a perda de autonomia dos professores e a desvalorização de seus conhecimentos e por último transgredir a incapacidade da Escola para repensar-se de maneira permanente (1998, pp. 11-13).

Numa tomada de posição, procuramos superar a prática da acomodação por meio do diálogo, da recuperação das vozes dos formadores e dos professores formados que estão atuando na rede pública. A formação inicial do professor é um momento significativo, importante para a re/construção do ensino de História, ou seja um momento importante para a transgressão dos ranços, das práticas conservadoras acumuladas ao longo da História. Assim procuramos auscultar projetos de mudanças, que além de superar as dicotomias

ensino/pesquisa, bacharelado/licenciatura, busque o desenvolvimento profissional para a construção de uma nova consciência histórica em nosso país.

O resultado deste trabalho de pesquisa apresentado na dissertação, está dividido em três capítulos. No primeiro capítulo refletimos sobre as políticas públicas em educação que afetam diretamente a formação do professor de História. Na primeira parte do capítulo, revisitamos a história da formação do professor de História durante a ditadura militar, até os anos 80 e 90. Buscamos perceber as mudanças e as permanências. Na segunda parte, analisamos como as mudanças políticas dos anos 80 possibilitam o repensar na formação do professor de História, principalmente, nas lutas pelo fim dos Estudos Sociais como Curso Superior de formação de professores. Nos anos 90, situamos as reformas da educação nacional, especialmente a LDB e as Diretrizes Curriculares Nacionais dos Cursos de História, como também relacionamos essas discussões aos depoimentos dos professores formadores da UFMG, UFU e PUC-MG. Por fim, na terceira parte, registramos as representações das professoras de História da rede pública, os olhares sobre as suas instituições e sobre a formação inicial que receberam nos cursos de Licenciatura ali desenvolvidos.

No segundo capítulo analisamos, em primeiro lugar, a organização e a estrutura curricular das instituições formadoras pesquisadas, seus projetos universitários e verificamos o perfil dos cursos de formação que as três universidades oferecem. Por meio das representações dos professores-formadores, refletimos sobre a questão curricular e a avaliação que os próprios fazem dos Cursos de História em relação à formação do Professor dos anos 80 e 90 possibilitando o repensar na formação do professor de história. Na última parte do capítulo, analisamos especificamente a disciplina Prática de Ensino e Estágio nos cursos de História, analisando, a partir das narrativas, os desafios e as possibilidades destas disciplinas.

O terceiro capítulo, a partir das análises de Philippe Perrenoud sobre a profissão docente, práticas pedagógicas e formação, procuramos focar o olhar sobre as relações formação inicial e a construção da prática pedagógica, por meio das narrativas orais das professoras que lecionam a disciplina História em escolas públicas de Minas Gerais. A partir dos relatos, evidenciamos a questão da produção na sala de aula os saberes docentes, as práticas de ensino e o processo de renovação do ensino de História.

Nesta pesquisa, as reflexões e análises são frutos das trocas de experiências, dos olhares e das possibilidades de Formação de Professores de História. Assim, fazer história oral significa dar voz aos sujeitos, dar vida às nossas questões e problemas, fazer um trabalho de reconstrução e produzir representações. É fazer com que a história seja construída, revelada a partir dos sujeitos vivos, que têm voz. “Trata-se de narrativas, de subjetividades, contradições e conflitos; fontes abertas, inconclusas, pontos de vista parciais que possibilitam leituras e interpretações diversas. Daí o seu caráter construtivo...” (FONSECA, 1997a, p. 56). Portanto, buscamos estender nossos olhares para realizar, concretizar, transformar os problemas percebidos no campo educacional em projeto de pesquisa, investigar, ouvir a voz dos sujeitos, recuperar a arte da narração e criar um texto novo para as páginas da história de forma a dar lugar, quem sabe, à invenção de uma nova utopia: formar professores compromissados com novas práticas pedagógicas, capazes de transgredir e participar ativamente da construção de um novo ensino de História.

Esquema da apresentação gráfica:

Título: FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE HISTÓRIA EM MINAS GERAIS: AS EXPERIÊNCIAS DA PUC-MG, UFMG E UFU

Autor: MESQUITA, Ilka Miglio **Co-autor:** FONSECA, Selva Guimarães

Objeto da Pesquisa: O processo de formação do professor de História nos anos 80 e 90 e as relações entre a formação inicial e a prática pedagógica no ensino fundamental e médio.

Objetivos: O papel da universidade na formação inicial do professor de História e na construção da prática docente. Busca-se, ao registrar e repensar essas práticas construir novos conhecimentos sobre o processo de formação e as práticas pedagógicas do professor de História em escolas públicas de Minas Gerais.

Metodologia: História Oral Temática

As experiências da PUC-MG, da UFMG, da UFU: apresentação de recortes dos resultados do trabalho de pesquisa, especialmente das narrativas dos professores formadores e dos professores formados nessas instituições. São diferentes experiências, diferentes instituições que formam professores de História para o mercado de trabalho. Por meio das narrativas e dos documentos, buscamos apreender realidades específicas de formação do professor de História. As representações nos levaram à aproximação do sentido que os cursos estão dando à formação do professor de História. Não é somente verificando o currículo prescrito, formal, que podemos julgar ou fazer comentários analíticos. Nos diferentes olhares, das diferentes experiências das Universidades mineiras, trabalhar com a diversidade significou um verdadeiro desafio para os que procuraram uma forma transgressora de formação profissional.

A relação formação inicial e a construção da prática pedagógica: apresentar recortes das narrações das professoras entrevistadas que lecionam a disciplina História em escolas públicas de Minas Gerais. A partir das narrativas, evidenciaremos a questão da produção na sala de aula. O que nos importou, na investigação, foi mostrar o que o professor de História tem feito, tem construído ao longo de sua trajetória profissional. Práticas significativas que, além de romper com a História fatalista e previsível, rompe também com os diagnósticos que se tem produzido sobre a construção pedagógica do professor de História. Não tivemos a intenção de mostrar que o professor não sabe, de denunciar, como muitos já o fizeram. Não é ilusão, nem sonho, é transgressão.

Referências Bibliográficas

- ARENDDT, Hannah. A Crise da Educação. In: **Entre o Passado e o Futuro**. Trad. Mauro W. B. de Almeida. 4.ed. São Paulo: Perspectiva, 1997, pp. 221-247.
- BENJAMIN, Walter. O Narrador. In: **Magia e Técnica, Arte e Política**. Obras Escolhidas. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985, pp. 197-221.
- BOM MEIHY, José Carlos Sebe. **Manual de História Oral**. São Paulo: Loyola, 1996.
- BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade. Lembranças de velhos**. 4 ed. São Paulo: Companhia Das Letras, 1995.
- BRASIL. Diretrizes Curriculares dos Cursos de História. **MEC – Secretaria de Educação Superior**: Departamento de Políticas do Ensino Superior, Brasília, 1999.
- BRZEZINSKI, Iria. A formação e a carreira de profissionais da educação na LDB 9.394/96: possibilidades e perplexidades. In: **LDB Interpretada**: diversos olhares se entrecruzam. São Paulo: Cortez, 1997, pp. 141-158.
- CANDAU, Vera Maria, LELIS, Isabel Alice. A Relação teoria-prática na formação do educador. In: **Rumo a uma nova didática**. 7 ed. Petrópolis: Vozes, 1995, pp. 40-63.
- CHARTIER, Roger. **A História Cultural**: entre práticas e representações. Trad. Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.
- DUTRA, Eliana. O Trabalho do Historiador. **Anais do I Encontro dos cursos de História de Minas Gerais**. Belo Horizonte: Faculdades Integradas Newton Paiva, 1995.
- FAZENDA, Ivani (org.). **A pesquisa em educação e as transformações do conhecimento**. 2 ed. Campinas: Papyrus, 1997.
- _____. A formação do profissional de História e a realidade do ensino. **Caderno Cedes**. 2 ed. São Paulo: Cortez, nº 8, 1987, pp. 24-31.
- FONSECA, Selva Guimarães. **Caminhos da História Ensinada**. Campinas: Papyrus, 1993.
- _____. A formação do Professor de História no Brasil. **Anais do II Encontro “Perspectivas do ensino de história”**. São Paulo: FEUSP, 1996, pp. 101-9.
- _____. **Ser Professor no Brasil: História Oral de Vida**. Campinas: Papyrus, 1997a.
- _____. Ensinar História através de projetos de Pesquisa. **Presença Pedagógica**. v. 3, n. 18, 1997b.
- GOODSON, Ivor F. **Currículo: Teoria e História**. Trad. Hamilton Francischetti. Petrópolis: Vozes, 1995.
- HERNÁNDEZ, Fernando. **Transgressão e mudança na educação: os projetos de trabalho**. Trad. Jussara Haubert Rodrigues. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

- HUBERMAN, Michaël. O Ciclo de Vida Profissional dos Professores. In: NÓVOA, António. (Org.). **Vidas de Professores**. 2 ed. Porto: Porto Editora, 1995, pp. 31-61.
- LE GOFF, Jacques. **Memória – História**. Trad. Bernardo Leitão e outros. Lisboa: EINAUDI/ Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1984.
- MOREIRA, Antonio Flávio Barbosa. Currículo, Utopia e Pós-Modernidade. In: **Currículo: Questões Atuais**. Campinas: Papyrus, 1997, pp. 9-28.
- MOREIRA, Antonio Flávio & SILVA, Tomaz Tadeu (orgs.). **Currículo, Cultura e Sociedade**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 1995.
- NÓVOA, António. Formação de professores e profissão docente. In: **Os professores e a sua formação**. 2 ed. Lisboa: Dom Quixote, 1995.
- NÓVOA, António. (org.). **Vidas de Professores**. 2 ed. Porto: Porto Editora, 1995.
- _____. **Profissão Professor**. 2 ed. Porto: Porto Editora, 1995.
- PERRENOUD, Philippe. **Práticas Pedagógicas, Profissão Docente e Formação: perspectivas sociológicas**. Trad. Helena Faria e outros. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1993.
- PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS (1996). **Departamento de História**, processo nº 11/96.
- RAYS, Oswaldo Alonso. A relação teoria-prática na didática escolar crítica. In: VEIGA, Ilma Passos Alencastro (org.). **Didática: o ensino e suas relações**. Campinas: Papyrus, 1989, pp. 33-52.
- REVISTA BRASILEIRA DE HISTÓRIA. **Memória – História – Historiografia**. São Paulo: Anpuh/Marco Zero, 1992/1993, nº 25-26, vol. 13.
- SAVIANI, Dermeval. **A Nova Lei da Educação: trajetória, limites e perspectivas**. 2 ed. Campinas: Autores Associados, 1997.
- SCHIMIDT, Maria Auxiliadora M. dos Santos. A Formação do Professor de História e o cotidiano da sala de aula: entre o embate, o dilaceramento, e o fazer histórico. In: **Anais do II Encontro “Perspectivas do ensino de história”**. São Paulo: FEUSP, 1996, pp. 115-128.
- THOMPSON, E. P. Intervalo: a lógica histórica. In: **A miséria da teoria ou um planetário de erros**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981, pp. 47-62.
- THOMPSON, Paul. **A Voz do Passado**. Trad. Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. **Currículo do Curso de História da UFMG**, FAFICH/Departamento de História, 1980.
- _____. **Produção do Colegiado do Curso de História em 1998**. (mimeo)
- UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA. **Guia Acadêmico**, Pró Reitoria de Ensino, Uberlândia:UFU, 1999.

Curso de História. **Catálogo dos**
Cursos de Graduação, 1999, pp. 466-480.